

Sobre o Espírito Santo

“Ora, o Senhor é o Espírito”. 2 Cor. 3.17

O Apóstolo tinha mostrado como a ministração do Evangelho foi superior àquela da lei: O tempo agora chegou, quando tipos e sombras deverão ser colocados à parte, e nós devemos ser convidados, para nosso dever, através dos motivos valorosos e sinceros de uma revelação clara e completa, franca e livre da parte de Deus, e não, disfarçada por seus embaixadores. Mas o que ele principalmente insiste não é, a maneira, mas no assunto da ministração deles: “*Quem nos torna ministros capazes*”, diz ele, “*do Novo Testamento: Não da letra, mas do Espírito: Porque a letra mata, mas o Espírito dá vida*“. Aqui se coloca a grande diferença entre as duas dispensações: Que a lei foi, de fato, espiritual em suas demandas, requerendo uma vida consagrada a Deus, na observância de muitas regras; mas, não conduzindo assistência espiritual, seus efeitos foram apenas matar e mortificar o homem, fazendo com que ele entendesse que ele necessitaria estar em um estado de grande depravação, uma vez que ele achou difícil obedecer a Deus; e que, assim como as mortes particulares foram, através daquela instituição infligida para os pecados particulares, assim a morte, em geral, foi consequência de sua pecaminosidade universal. Mas a ministração do Novo Testamento foi a de um “*Espírito que dá vida*”, — um Espírito, não apenas prometido, mas verdadeiramente concedido; que deveria agora capacitar cristãos a viverem para Deus, e cumprirem os preceitos, ainda mais espirituais do que o primeiro, e restaurá-los, daqui por diante, para a vida perfeita, depois das ruínas do pecado e morte. A encarnação, pregação, e morte de Jesus Cristo foram designadas a representar, proclamar, e nos comprar este dom do Espírito; e, portanto, diz o Apóstolo: “*O Senhor é este Espírito*”, ou o Espírito.

Esta descrição de Cristo foi uma indução apropriada para o judeu acreditar nele; e é ainda uma instrução necessária para os cristãos, para regularem suas expectativas com respeito a ele. Mas [nós] pensamos que esta época foi particularmente necessária para ficar bem assegurado o que Cristo é para nós: Quando aquela questão é tão diferentemente resolvida pelo devoto, mas pelos fracos relatos de alguns impostores da fé, de um lado, e pelos mais aparentes, mas não perfeitamente cristãos; relatos de alguns impostores à razão, por outro: Enquanto alguns derivam dele uma “*justiça de Deus*”, mas, em um sentido, de certa forma, impróprio e figurativo; e outros, não mais do que um privilégio do perdão, e um sistema de moralidade: Enquanto alguns interpretam o Evangelho, como a estabelecer a santidade, pelo qual deverão ser salvos, através de alguma coisa divina, mas exterior a si mesmos; e outros, de maneira a colocá-la nas coisas realmente dentro de si mesmos, mas não mais do que humanas. Agora, a cura apropriada de tal confusão, de uma maneira, e de tal infidelidade, em outra, parece estar contida na doutrina do meu texto: “*O Senhor é aquele Espírito*”.

Ao tratar destas palavras, eu considerarei:

- I. A natureza de nossa queda em Adão; pelo qual parecerá que, se “*o Senhor*” não fosse “*aquele Espírito*”, não seria dito que Ele veio nos salvar ou nos redimir de nossa condição de queda.

- II. Eu considerarei a pessoa de Jesus Cristo; pelo que aparecerá que “o Senhor é este Espírito”.
- III. Pesquisarei dentro da natureza e operação do Espírito Santo, como concedido junto aos cristãos.

I

Eu considerarei a natureza de nossa queda em Adão.

Nossos primeiros pais desfrutaram da presença do Espírito Santo; porque foram criados na imagem e semelhança de Deus, que não era outra, do que seu Espírito. Através disto, ele comunica-se com suas criaturas; e através disto apenas, elas podem testemunhar alguma semelhança com ele. É, de fato, a vida dele, neles; e então justamente divina, que, neste fundamento, anjos e homens regenerados são chamados de seus filhos.

Mas, quando o homem não é mais guiado pelo Espírito Santo, ele o deixa. Quando ele seria sábio de sua própria maneira, e em sua própria força, e não dependesse, em simplicidade, sob seu Pai celeste, a semente de uma vida superior seria dele lembrada. Porque ele não estava mais adequado para ser formado na condição celestial; quando ele tivesse um desejo tão indigno, ou melhor, uma dependência sob um fruto mundano, que ele sabia que Deus não o abençoaria; não mais se adequou para receber os socorros sobrenaturais, quando não poderia estar contente com seu estado feliz em direção a Deus, sem um exame demasiadamente curioso nele.

Então, ele se achou abandonado por Deus, e deixado para a pobreza, fraqueza, e miséria da sua própria natureza. Ele era agora um mero animal, como outras criaturas feitas de carne e sangue, mas apenas dotado de um entendimento maior; pelo que ele deveria ser conduzido ou para absurdos maiores, do que eles seriam culpados, ou, antes se tornaria consciente da perda de sua felicidade, e se colocaria no curso correto, para resgatá-la; ou seja, se ele continuasse um apóstata desatento, ele amaria e admiraria os bens deste mundo, a felicidade adequada apenas dos animais; e, para recomendá-los e dissimular seus defeitos, acrescentando todos os ornamentos a eles, que sua inteligência superior poderia inventar. Ou, (o que é, na verdade, acima dos brutos, mas não mais perto da perfeição do homem, como um parceiro de Deus, do que outro), ele estruturaria um novo mundo para si mesmo, em teoria; algumas vezes, através de imaginações acaloradas, e, algumas vezes, através dos raciocínios frios, esforçando-se para engrandecer sua condição e defender sua prática, ou, pelo menos, divertindo-se de sentir sua própria mesquinhez e desordem.

Se, por outro lado, ele deveria estar desejoso de descobrir as misérias de sua queda, seu entendimento pode ser que o supriria de razões, por constante lamentação, por menosprezar e negar a si mesmo; poderia indicar os efeitos tristes de afastar-se de Deus e perder Seu Espírito, na vergonha e agonia de uma natureza, contrária, consigo mesma; desejoso da imortalidade, e ainda assim, sujeito à morte; aprovando justiça, e ainda assim, tendo prazer nas coisas inconsistentes com ela; sentindo uma imensa necessidade de alguma coisa para aperfeiçoar e satisfazer todas as faculdades, e ainda assim, nem sendo capaz de saber o que aquela coisa seria, e não do que de suas presentes imperfeições, nem como conquistá-la, e não, do que indo contrário às inclinações atuais dela.

Bem poderia Adão agora encontrar-se despido; nada menos do que Deus partiu dele. Até, então, ele havia experimentado nada, a não ser a bondade e delicadeza de Deus; uma vida celestial espalhando-se, através de toda sua estrutura, como se ele não fosse feito de pó; sua mente foi preenchida com sabedoria angelical; uma direção do alto o levou pela mão; ele caminhava e pensava corretamente, e parecia não ser uma criança ou novato nas coisas divinas. Mas agora ele tinha outras coisas para experimentar; alguma coisa em sua alma que ele não encontrou, nem precisou temer, enquanto era levado direto, através do gentil vento da graça divina; alguma coisa em seu corpo que ele não veria, nem se queixaria dela; enquanto aquele corpo estava coberto com a glória. Ele sente um auto-desprazer, turbulência, e confusão tal como é comum a outros espírito que perderam Deus: ele vê aqui motivos de vergonha presente e uma dissolução futura; e um forte engajamento àquela vida humilhante, que é comum aos animais que nunca desfrutaram da natureza divina.

O caráter geral, portanto, de um estado atual do homem é a morte, — a morte de Deus, por meio da qual não mais desfrutamos de alguma ligação com ele, ou felicidade nele; nós não mais brilhamos com sua glória ou agimos com seus poderes. É verdade, enquanto temos uma existência, *“nele nós devemos viver, e mover, e termos nossa existência”*; mas isto nós fazemos agora, não de uma maneira filial, mas apenas como um servo, assim como todos, até mesmo, as mais sovinas criaturas, existem nele. É uma coisa receber de Deus a habilidade para caminhar e falar, comer e digerir, — ser sustentado por sua mão, como parte desta criação terrestre, e nos mesmos termos com isto, para uma prova além, ou vingança; e outra, receber dele a vida que é sua própria semelhança, — ter dentro de nós, alguma coisa que não é desta criação, e que é nutrida por sua própria palavra e poder imediatos.

Ainda assim, isto não é o todo que está inserido no pecado do homem. Porque ele não está somente inclinado a toda estupidez de apetite, e todo o orgulho da razão, mas ele se encontra caído, sob a instrução do maligno, que poderosamente o favorece em ambos. O estado em que ele, a princípio, esteve situado, foi um estado da mais simples sujeição a Deus, e isto o autorizou a beber de seu Espírito; mas quando ele, não satisfeito, em estar de fato no paraíso, sob tão completa luz do semblante de Deus como ele seria capaz; quis conhecer o bem e o mal, e satisfazer-se, sob os alicerces racionais, quer fosse melhor para ele ser como ele era ou não; quando, menosprezando o ser dirigido como um filho, ele quis pesar cada coisa por si mesmo; e buscar evidência melhor do que a voz de seu Mestre e o selo do Espírito em seu coração: então, ele não apenas obedeceu, mas tornou-se igual àquele filho mais velho do orgulho, e estava infelizmente habilitado às visitas freqüentes, ou melhor, à contínua influência dele. Como a vida foi incorporada ao seu manter o comando, e, conseqüentemente àquele Espírito, que sozinho poderia formá-la, junto à vida verdadeira, habitou em seu corpo; assim, sendo sentenciado à morte por sua transgressão, ele foi liberto *“dele que tem o poder da morte, que, é o diabo”*, cujas impressões hostis e indelicadas promovem a morte e pecado de uma só vez.

Este sendo o estado do homem, se Deus enviasse a ele o Redentor, o que deveria aquele Redentor fazer por ele? Seria suficiente para ele ser o promulgador de uma nova lei, — nos dar uma série de preceitos excelentes? Não: Se nós pudéssemos mantê-los, isto sozinho não nos tornaria felizes. Uma boa consciência traz para o homem a felicidade de

ser consistente consigo mesmo; mas não aquela de ser erguido acima de si mesmo em Deus; o que toda pessoa irá encontrar, afinal, é a coisa que ela quer. Deverá ele ser a fonte de uma justiça imputada, e procurar o favor mais terno de todos os seus seguidores? Isto também não é suficiente. Embora se admita que um homem possa ser justo, e eximido de toda punição, ainda assim, se ele é realmente escravizado pelas corrupções da natureza, quando dotado com esses privilégios da redenção, ele dificilmente poderá se tornar acessível; e qualquer que seja o favor que ele possa receber de Deus, aqui, ou no futuro, não será a cura de um espírito caído, nem a felicidade de alguém reconciliado, sem uma comunicação de si mesmo. Então, nosso Redentor não deverá ser (de acordo com o caráter que São João, seu precursor, deu dele) aquele *“batizado com o Espírito Santo”*, — a Fonte e Restaurador disto para a humanidade, por meio da qual ela é restaurada ao seu estado primeiro, e prazer de Deus? E isto é um argumento presumível de que *“o Senhor é aquele Espírito”*.

II

Mas aparecerá mais claramente que Ele é assim, da Segunda coisa proposta; que foi a consideração da pessoa de Jesus Cristo.

Ele foi um, a quem *“Deus não deu o Espírito pela medida: mas nele habita toda a plenitude da Divindade em pessoa; e de sua plenitude nós todos recebemos, e graça por graça”*. Na verdade, todas as comunicações da Divindade, que algumas criaturas poderiam receber, foram sempre Dele, como a Palavra de Deus; mas tudo que esta humanidade, no estado terreno deveria receber, deveria ser Dele, através dos meios daquele corpo, a princípio mortal, como os deles, e, então, glorioso, *“na semelhança de Deus”*, que ele tomou para si por causa deles.

No começo, a Palavra divina – sendo um Espírito que saiu do Pai, e a Palavra de seu Poder, - feito homem na imagem da imortalidade, de acordo com a semelhança do Pai. Mas ele que tem sido feito na imagem de Deus, mais tarde, tornou-se mortal, quando um Espírito mais poderoso foi separado dele. Para remediar isto, a Palavra tornou-se Homem, para que o homem, recebendo a adoção, se tornasse um filho de Deus, uma vez mais; para que a luz do pai descansasse sobre a carne de nosso Senhor, e brilhasse de lá sobre nós; e assim o homem, estando envolvido com a luz da Divindade, fosse conduzido até a imortalidade. Quando ele foi encarnado e tornou-se homem, ele recapitulou em si mesmo todas as gerações da humanidade, fazendo de si mesmo o centro de nossa salvação, para aquela que perdemos em Adão, até mesmo a imagem e semelhança de Deus, nós receberíamos em Jesus Cristo. Através do Espírito Santo vindo sobre Maria, e o poder do Altíssimo ofuscando-a, a encarnação ou Cristo foi forjada, e um novo nascimento, por meio do qual o homem teria nascido de Deus, foi mostrado; que, conforme nosso primeiro nascimento, nós herdamos a morte; através deste nascimento, herdaríamos a vida.

Isto não é outra coisa do que o que São Paulo nos ensina: *“O primeiro homem, Adão, foi feito uma alma vivente, mas o Segundo Adão foi feito um espírito vivificante”*. Tudo que o primeiro homem possuiu de si mesmo, tudo que ele nos transmitiu, é *“uma alma vivente”*; uma natureza dotada com uma vida animal, e receptiva de uma espiritual. Mas o Segundo Adão é, e foi feito para nós, *“um espírito vivificante”*; através da força

dele, como nosso Criador, nós éramos, a princípio, elevado acima de nós mesmos; pela força dele como nosso Redentor, novamente vivemos junto a Deus.

Nele está colocado para nós aquele suplemento de nossa natureza, do qual devemos achar necessidade de mais cedo ou mais tarde; e isto não pode ser contrabalançado por nenhuma assistência das criaturas, ou algum aperfeiçoamento de nossas próprias qualidades: Porque nós fomos feitos para sermos felizes apenas em Deus; e todos os nossos esforços e esperanças, enquanto não estivermos ávidos de nosso estado deitificado, — de compartilhar como verdadeiramente de Deus, como fazemos da carne e sangue, para sermos glorificados em sua natureza, como temos sido desonrados em nós mesmos, — são os esforços e esperanças daqueles que se enganam completamente.

A sabedoria divina sabia qual era nossa consolação apropriada, embora nós, não soubéssemos. O que mais obviamente se apresenta no Salvador do mundo, do que uma união do homem com Deus? — uma união atendida com toda a propriedade do comportamento a que somos chamados, como candidatos do Espírito; tal como caminhando com Deus na singeleza do coração, perfeita auto-renúncia, e uma vida de sofrimentos, — uma união que se submeteu aos estágios necessários de nosso progresso, onde a vida divina esteve oculta, na maior parte, no secreto da alma, até a morte; no estado de separação, confortou a alma, mas não a ergueu acima da região intermediária do Paraíso; na ressurreição, vestido o corpo com qualidades divinas, e os poderes da imortalidade; e, por fim, ergueu-a para a presença imediata e mão direita do Pai.

Cristo não é apenas Deus acima de nós; que pode nos manter com medo, mas não pode salvar; mas ele é Emanuel, o Deus conosco, e em nós. Já que ele é o Filho de Deus, Deus deve estar onde ele está; e como ele é o Filho do homem, ele estará com a humanidade; a consequência disto é que, na era futura, “*o tabernáculo de Deus será com os homens*”, e Deus mostrará a eles sua glória; e, no presente, ele habitará nos corações deles, pela fé em seu Filho.

Eu espero que suficientemente fique aparente que “*o Senhor é este Espírito*”. Considerando o que somos, e o que temos sido, nada menos do que o receber aquele Espírito novamente seria redenção para nós; e considerando quem esta pessoa celeste foi, e que foi enviada para ser nosso Redentor, nós podemos esperar nada menos dele.

III

Eu prossigo agora para a terceira coisa proposta, a saber, pesquisar na natureza e operação do Espírito Santo, como conferido junto aos cristãos.

E aqui eu devo ignorar os dons extraordinários concedidos para as primeiras épocas da edificação da Igreja e apenas considerar que o Espírito Santo é para todo crente, para sua santificação e salvação pessoal. Não é garantido para todos ressuscitar dos mortos, e curar o doente. O que é mais necessário é estar certo, quanto a nós mesmos, que “*passamos da morte para a vida*”, manter nossos corpos puros e imaculados, e deixá-los colher os frutos daquela saúde que flui de uma paciência magnânima, e das alegrias serenas da devoção. O Espírito Santo tem capacitado os homens a falar em línguas, e a profetizar; mas a luz que

mais necessariamente atende a ele é a luz para discernir as falácias da carne e sangue, para rejeitar as máximas anti-religiosas do mundo, e praticar aqueles graus de confiança em Deus e amor aos homens, cujo alicerce não é tanto nas aparências presentes das coisas, quanto em alguma que ainda virá. O objeto que esta luz nos faz mais imediatamente conhecer é nós mesmos; e em virtude disto, alguém que é nascido de Deus e tem a esperança viva pode, de fato, ver além, nos caminhos da Providencia, e mais além ainda, nas Escrituras Santas; porque as Santas Escrituras, exceto algumas partes acidentais e menos necessárias, são apenas a história daquele novo homem que ele mesmo é; a Providência é apenas uma sábia disposição de eventos para o despertar de pessoas particulares, e maturando o mundo em geral para a vinda do reino de Cristo.

Mas eu penso que a noção verdadeira do Espírito é que Ele é alguma porção, assim como preparação para a vida em Deus, que nós devemos desfrutar daqui por diante. O dom do Espírito Santo olha satisfeito para a ressurreição; porque, então, a vida de Deus está completa em nós.

Então, depois do homem ter passado por todas as penalidades do pecado, pelo trabalho penoso e vaidade da vida humana, pelas reflexões dolorosas de uma mente desperta, pelas enfermidades e dissolução do corpo, e todos os sofrimentos e mortificações, um Deus justo se colocará em seu caminho; quando, por estes meios, ele conhecer a Deus e a si mesmo, seguramente ele será confiado com a vida verdadeira; com a liberdade e ornamentos de um filho de Deus; porque ele não mais irá se apropriar de qualquer coisa. Então, o Espírito Santo deverá ser completamente concedido, quando a carne não deverá resistir mais tempo a Ele, mas ser em si mesma transformada em uma condição angelical; vestida com a não corrupção do Espírito Santo; quando o corpo, nascido com a alma, e vivendo através dela, poderia ser chamado de animal, deverá agora se tornar espiritual, enquanto pelo Espírito, ele se ergue na eternidade.

Todas as coisas no Cristianismo são algum tipo de antecipação de alguma coisa que acontecerá no final do mundo. Se os Apóstolos fossem pregar, através do comando de seu Mestre, *“que o reino de Deus se aproxima”*, o significado seria, que dali por diante, todos os homens deveriam fixar seus olhos naquele tempo feliz, predito pelos profetas, quando o Messias viria e restauraria todas as coisas; isto, pela renuncia de seu modo de vida mundano, e submetendo-se à instituição do Evangelho, eles poderiam adequar-se, apressando-se para aquela bênção. *“Agora somos os filhos de Deus”*, como São João nos diz; ainda assim o que ele nos concede, no momento, dificilmente justificará aquele título, sem tomar na plenitude da sua imagem que deverá, então, ser manifestada em nós, quando deveremos ser *“os filhos de Deus, sendo os filhos da ressurreição”*.

Crentes verdadeiros, então, entraram em uma vida, cuja seqüência, eles não sabem; porque ela é *“uma vida oculta com Cristo em Deus”*. Ele, o precursor, alcançou a finalidade dela, tendo ido junto ao Pai; mas nós podemos saber não mais dela do que apareceu Nele, enquanto esteve sobre a terra. E mesmo isto, nós não podemos saber, a não ser seguindo seus passos; que, se nós o fizemos, deveremos ser tão fortalecidos e restaurados dia-a-dia, no homem interior, que não teremos desejo de conforto, para o mundo presente, através de um sentido de *“alegria colocada diante de nós”*; embora que,

quanto ao homem exterior, nós estaremos sujeitos a aflições e ruínas, e tratados como o refugio de todas as coisas.

Bem pode um homem perguntar a seu próprio coração, se ele é capaz de aceitar o Espírito de Deus. Porque, onde aquele Convidado divino entra, as leis de outro mundo devem ser observadas: O corpo deve ser oferecido em martírio, ou ser consumido pela luta cristã, tão despreocupadamente, quanto se a alma já tivesse providenciado sua casa do céu; os bens deste mundo devem ser deixados, tão livremente, como se o último fogo fosse apoderar-se deles amanhã; nosso próximo deve ser amado, tão ternamente, como se ele estivesse lavado de todos os seus pecados, e demonstrado ser um filho de Deus, pela ressurreição dos mortos. Os frutos deste Espírito não devem ser meras virtudes carnis, calculadas para o conforto e decência da vida presente; mas disposições santas, adequadas aos instintos de uma vida superior já começada.

Assim, para pressionar adiante, até onde a promessa de vida o chama, — o voltar suas costas ao mundo, e confortar-se em Deus, — todos que têm fé observam que é justo e necessário e o forçam a fazer isto: Todos que têm esperança fazem isto alegremente e zelosamente, embora não sem dificuldade; mas ele que tem amor faz isto com facilidade e singeleza de coração.

A condição do amor, sendo atendida com “*alegria inexprimível e cheia de glória*”, com descanso das paixões e vaidades do homem; com a integridade de um julgamento imutável, e uma vontade indivisível, é, em grande medida, sua própria recompensa; ainda assim, não tanto a substituir o desejo de outro mundo. Porque embora tal homem, tendo um livre e insaciável amor por aquilo que é bom, pode raramente ter necessidade formalmente, para propor a si mesmo as esperanças da retribuição, com o objetivo de dominar sua repugnância a seu dever; ainda assim, certamente, ele deve esperar por aquilo que é melhor que tudo; e sentir uma atração clara, em direção àquela região, na qual ele tem seu lugar e situação já atribuída a ele; e juntar-se à expectativa sincera de todas as criaturas, que esperam pela manifestação dos filhos de Deus. Porque agora nós obtemos, apenas alguma parte de Espírito, para moldar e nos adequar a incorrupção, que possamos, por graus, estarmos acostumados a receber e levar Deus dentro de nós; e, portanto, o Apóstolo chama isto: “*a sinceridade do Espírito*”; ou seja, uma parte daquela honra que é prometida a nós pelo Senhor. Se, portanto, a sinceridade, habitando em nós, nos torna espirituais, até mesmo agora, e aquilo que é mortal é, por assim dizer, tragado pela imortalidade, como deverá ser quando, ressuscitando, devamos vê-lo face a face? Quando todos os nossos membros deverão irromper em canções de triunfo, e glorificar a Ele que os tem ressuscitado dos mortos, e lhes garantiu vida eterna? Porque, se esta garantia ou penhor, envolvendo o homem em si mesmo, faz com que ele agora clame: “*Aba, Pai*”; o que deverá toda a graça do Espírito fazer, quando sendo dado por fim aos crentes, nos fará como a Deus, e nos aperfeiçoará através da vontade do Pai?

E, assim, eu tenho feito o que foi, a principio, proposto: Eu tenho considerado a natureza de nossa queda em Adão; a pessoa de Jesus Cristo; e as operações do Espírito Santo nos cristãos.

A única inferência que traçarei do que tem sido dito, e, principalmente do relato da queda de um homem, deverá ser a racionalidade desses preceitos da abnegação, sofrimento diário, e renúncia ao mundo, que são tão peculiares ao Cristianismo, e que são o único alicerce em que as outras virtudes, recomendadas no Novo Testamento, podem ser praticadas ou obtidas, no sentido lá pretendido.

Esta inferência é tão natural, que eu não poderia ajudar antecipando isto, em alguma medida todo o momento. Alguém poderia pensar que não seria difícil persuadir uma criatura a abominar os símbolos de suas misérias; a não gostar da condição ou mansão, que apenas a expulsão e desgraça imputou a ele; para tripudiar a grandeza, refutar os confortos, e suspeitar da sabedoria de uma vida, cuja natureza o separa de seu Deus.

Seu Salvador ordena a você que “*odeie a sua própria vida*”. Se você perguntar a razão, entre em seu coração, e veja se ele é santo, e cheio de Deus; ou se, por outro lado, muitas coisas que são contrárias a Ele são forjadas lá, e ele se torna uma plantação de inimigos. Ou, se esta é uma pergunta muito agradável, olhe para seu corpo. Você encontra lá o brilho de um anjo, todo o vigor da imortalidade? Se não, esteja certo de que sua alma está no mesmo grau de pobreza, nudez, e ausência de Deus. É verdade, que sua alma pode mais cedo ser readmitida, para alguns raios de luz do semblante de Deus, do que seu corpo pode; mas se você desse algum passo, afinal, em direção a isto, o deixar de gostar de seu ego presente deverá ser o primeiro.

Você precisa de um motivo, porque você deveria renunciar ao mundo. De fato, você não pode ver o príncipe dele caminhando, para cima e para baixo, “*buscando a quem ele possa devorar*”; e você pode ser tão ignorante de seus conselhos, como a não saber que eles tomam lugar, assim como na maioria das medidas ilusórias de trabalho e aprendizagem, quanto nas buscas mais extravagantes de prazer. Mas isto, no entanto, você não pode deixar de ver, que o mundo não é ainda um paraíso de Deus, guardado e enobrecido com a luz da glória; ele é, na verdade, um lugar onde Deus determinou que Ele não apareceria a você, na melhor das hipóteses, mas deixaria você em um estado de esperança, para que você pudesse ver a face Dele, quando este mundo for dissolvido.

Entretanto, existe um caminho de recuperar a nós mesmo, em grande medida, de todas as conseqüências danosas de nossa escravidão; e nosso Senhor nos tem ensinado este caminho. É através do sofrimento. Nós não devemos apenas “*suportar muitas coisas*”, como ele o fez, e assim entrar na nossa glória; mas devemos também sofrer muitas coisas, para que possamos estar acima de nossa corrupção no presente, e desfrutar do Espírito Santo.

O mundo não tem poder algum sobre nós, mais do que temos uma rápida satisfação com seus confortos; e o sofrimento diminui isto. O sofrimento é, de fato, uma impugnação das pretensões que o temperamento deleitoso nos alcança: Porque eu sou uma vida humana; e se esta vida contém tal facilidade, prazer estonteante, eminência gloriosa, como você promete, porque eu estou assim? Será porque eu não tenho ainda adquirido riquezas para tornar-me confortável, ou as realizações presentes para tornar-me considerável? Então, eu me certifico que todo o conforto que você propõe é, conduzindo-me fora de mim mesmo; mas eu antes entrarei profundo em minha própria condição, má como ela é: Talvez, eu deva

ficar mais perto de Deus, da Verdade Eterna, no sentir tristezas e misérias que são pessoais e reais, do que em sentir comodidades que não são. Eu já começo a me certificar que todas as minhas queixas centram-se em um único ponto: Existe sempre no fundo, uma grande perda ou imperfeição, que não é a falta de amigos, ou ouro, ou saúde ou filosofia. E a consciência permanente disto pode possivelmente tornar-se uma oração nos ouvidos do Altíssimo; — uma oração não resultante de uma série de noções especulativas, mas de um estado real, não dissimulado de tudo que está dentro de mim; nem, na verdade, uma oração tão explícita como alguma que eu possa fazer; uma vez que, então, o sofrimento me abre uma porta de esperança, eu não o colocarei fora de mim, por quanto tempo eu viva: Ele me ajuda a um verdadeiro descobrimento de um período de minha existência, embora seja um menor; e ordena mais justiça, por ter alguma ligação com um período mais glorioso que eu possa seguir, do que a artimanha da indulgência, os deleites do orgulho e abertura, e toda a diplomacia sombria deste mundo que promove guerra com toda a verdade, para que o homem deva saber e sentir, antes que possa olhar em direção a Deus. Pode ser, enquanto eu continuo na cruz, que eu deva, assim como meu Salvador, dissuadir “*principados e potestades*”; recuperar-me mais e mais da dependência em que eu estou, de fato, mergulhado (o que ele apenas pareceu estar) nestas regras pecaminosas, e “*triunfar sobre elas nisto*”. Pelo menos, deve parecer, no dia, em que Deus deva visitar, que meu coração, embora crescido indigno de sua residência, eram muito grande para ser confortado por alguma das suas criaturas; e foi mantido para ele, como um lugar originalmente sagrado, embora para o momento, impuro.

Mas, supondo que nosso estado requeira “*morrermos diariamente*”, — sacrificarmos tudo que esta vida presente possa vangloriar-se, ou deleita-se, antes que desistamos da própria vida; supondo também que no momento em que façamos algo deste tipo, recebamos luz e força de Deus, para nos tornarmos superiores às nossas enfermidades, e sermos carregados calmamente em direção a Ele, na alegria do Espírito Santo; ainda assim, como um homem pode ter tais oportunidades freqüentes de sofrimento? Na verdade, martírios não acontecem em todas as épocas, e alguns dias de nossas vidas podem passar, sem a reprovação de homens; podemos estar saudáveis, e não necessitarmos de alimento e roupas para se vestir; (embora a própria saúde e a própria nutrição nos obriguem à dor de uma constante correção delas); ainda assim, o amor a Deus e a esperança divina não necessitará de alguma coisa para oprimi-las neste mundo.

Permita que um homem humilhe-se calmamente em seu coração, e veja, se não existe raiz de amargura brotando; se, pelo menos, seus pensamentos, que estão sempre em movimento, algumas vezes, não investem em projetos sugeridos pelo orgulho, ou mergulha em uma indolência insignificante, ou está emaranhado em ansiedade vã. Ele não encontra um impulso de ira, ou de folia, fermentando-o, num instante, por todo; privando-o da humildade e discernimento constante que ele trabalhou em seguida? Ou deixe ele entender, a qualquer tempo, daquela obediência verdadeira, e zelo vigilante, e dignidade de comportamento, que, são adequados, eu não digo para um anjo, mas para um pecador que tem “*a boa esperança, pela graça*”, e, se esforce para operá-la; e se ele não encontrar nenhum tipo de obstáculo disto dentro dele, de fato, ele não tem, nenhuma oportunidade de sofrimento. Em resumo, se ele é tal espécie abjeta de criatura, como será, a mesmo que a graça possa causar a ele violência perpétua, freqüentemente recaída em um curso de pensamento e ação, inteiramente sem Deus; então, nunca lhe faltará oportunidades de

sofrimento, mas se certificará que sua própria natureza é o mesmo fardo para ele, como aquela “*geração infiel e perversa*” foi para nosso Salvador, da qual Ele disse: “*Por quanto tempo eu devo estar com vocês? Por quanto tempo eu devo sofrer vocês?*”.

Eu concluirei tudo com aquele excelente Coleta de nossa Igreja: — “*Ó, Deus, que em todas as épocas tem ensinado os corações de teu povo fiel, enviando-os a luz do teu Espírito Santo; conceda nos, através do mesmo Espírito ter o julgamento correto em todas as coisas, e sempre mais nos regozijarmos em seu santo conforto, através dos méritos de Jesus Cristo, nosso Salvador; que vive e reina contigo, na unidade do mesmo Espírito, um Deus, mundo sem fim. Amém!*”.